



<http://dx.doi.org/10.30681/23588403v13i01109116>

## O LETRAMENTO LITERÁRIO E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LITERATURA

Data de recebimento: 08/10/2018

Aceite: 26/02/2019

Thiago SILVA (IFMA-Campus Barra do Corda)<sup>1</sup>  
Áustria Rodrigues BRITO (UNIFESSPA)<sup>2</sup>

**Resumo:** Objetivando relacionar os fundamentos teóricos da Teoria da Estética da Recepção (Jauss) com a do Letramento Literário - na concepção de Zapone (2008) -, e ainda, verificar as contribuições dessas teorias para o ensino de Literatura, efetuamos um estudo bibliográfico, a partir da leitura e análise do artigo “Letramento dominante x vernacular e suas implicações para o ensino da literatura” dos autores Mirian Hisae Yaegashi Zapone e Ibrahim Alisson Yamakawa. Após as análises e discussões, concluímos que a educação formal (a escola) tem servido para massificar a ideia de que o letramento dominante (letramento autônomo), aquele institucionalizado por ela mesma, é o único, legítimo e correto letramento. Com tal postura, cria-se um ambiente de desprezo às práticas de leitura, em especial a literária, que os alunos já praticam antes mesmo de chegarem à escola. O resultado da supervalorização do letramento escolar em detrimento dos letramentos inatos à vida dos discentes é refletido nos insucessos do ensino de literatura nas nossas escolas. Diante dessa nefasta conclusão, percebemos que o letramento autônomo traz também ao ensino da literatura efeitos desastrosos; por outro lado, acreditamos que os fundamentos teóricos aqui apresentados, teoria da recepção e letramento literário, tornam-se um caminho viável para que de fato nossos alunos sejam envolvidos e atraídos pelo “manto mágico” da leitura literária, e, a partir, desse envolvimento eles possam se desprender das amarras que lhes são colocadas, e aí possam dar vida ao texto.

**Palavras-chave:** Estética da Recepção. Letramento Dominante. Letramento Literário.

**Abstract:** Aiming to relate the theoretical foundations of the Theory of Reception Aesthetics (Jauss) with that of Literary Literacy - in the conception of Zapone (2008) -, and to verify the contributions of these theories to the teaching of Literature, we carried out a bibliographical study, from From the reading and analysis of the article "Dominant x vernacular literature and its implications for literature teaching" by the authors Mirian Hisae Yaegashi Zapone and Ibrahim Alisson Yamakawa. After the analyzes and discussions, we conclude that formal education (the school) has served to massify the idea that dominant literacy (autonomous literacy), that institutionalized by itself, is the only, legitimate and correct literacy. With such a posture, an atmosphere of contempt for reading practices, especially the literary one, is created that students already practice before they even reach school. The result of the overvaluation of school literacy to the detriment of the innate literacy of students' lives is reflected in the failures of literature teaching in our schools. Faced with this ominous conclusion, we realize that autonomous literacy also brings disastrous effects to the teaching of literature; On the other hand, we believe that the theoretical foundations presented here, the theory of reception and literary literacy, become a viable way for our students to be involved and attracted by the "magic

<sup>1</sup> Mestre em Letras. Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal do Maranhão – Campus Barra do Corda. Barra do Corda – MA, Brasil, e-mail [thiago.silva@ifma.edu.br](mailto:thiago.silva@ifma.edu.br)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística. Professora Adjunta III do Instituto de Letras, Literatura e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Marabá – PA, Brasil, e-mail [austria@unifesspa.edu.br](mailto:austria@unifesspa.edu.br)



mantle" of literary reading, and from this That they are able to detach themselves from the moorings that are placed on them, and that they can give life to the text.

**Keywords:** Aesthetics of Reception; dominant literacy; Literary literacy.

## 1. Situando a discussão

Objetivando relacionar os fundamentos teóricos da Teoria da Estética da Recepção (Jauss) com a do Letramento Literário - na concepção de Zapone (2008) –, e ainda, verificar as contribuições dessas teorias para o ensino de Literatura, efetuamos um estudo bibliográfico, a partir da leitura e análise do artigo “Letramento dominante x vernacular e suas implicações para o ensino da literatura” dos autores Mirian Hisae Yaegashi Zapone e Ibrahim Alisson Yamakawa.

Optamos por utilizar o termo “Letramentos” ao invés de sua forma no singular por concebê-lo como plúrimo, ou seja, não há apenas um tipo de letramento, mas existem diversos. Soares (2007, p. 59) nos informa que:

[...] o uso que se vem fazendo com muita frequência, em língua inglesa, da palavra *literacy*, no plural – *literacies* -, plural que começa a ser usado entre nós também – letramentos. Um plural que tem sido usado para designar diferentes tipos de letramentos.

Assim sendo, reconhecer os múltiplos letramentos no processo escolar se mostra urgente e necessário, principalmente num país como o nosso, onde existe grande variedade cultural acompanhada de profundas desigualdades sociais, e, por isso, corroboramos com a ideia de que a escola precisa valorizar as práticas de letramento que seus alunos já possuem antes de chegarem a ela, do contrário, continuará ocorrendo a colisão entre o que o aluno traz de casa com o que lhe é “imposto” por ela. Essa colisão, na visão de Soares (2007, p.62), deve-se ao fato de que:

[...] em um país tão grande como o nosso, com tantas e tão marcadas diferenças culturais e linguísticas, entendendo aqui por subculturas as culturas de grupos de diferentes condições sociais e econômicas, com diferentes níveis de acesso aos bens culturais, com diferentes graus de acesso a material escrito, portanto, grupos que atribuem diferentes valores às práticas de leitura e escrita, que vivenciam práticas sociais de leitura e escrita peculiares.

Nessa esteira, Zapone e Yamakawa (2013) ratificam que a escola agindo como a principal agência de letramento, cujo objetivo seria possibilitar a participação democrática de seus alunos nas várias práticas sociais que utilizam a escrita, acaba sendo um espaço de exclusão e apagamento de outras formas de letramento. Na mesma linha, Rojo (2009, p.106) nos di que



“Isso cria uma situação de conflito entre as práticas letradas valorizadas e não valorizadas na escola”.

A supervalorização do letramento escolar gera a cultura do letramento dominante – o letramento de prestígio e legítimo, e, portanto, segundo essa visão, o único que deve ser aceito. Para Zapone e Yamakawa (2013, p. 189) o letramento dominante promovido pela escola se baseia no letramento autônomo. Sobre letramento autônomo, cabe aqui elencar o que pensa Moterani (2013, p.136) comentando Street (1984):

Nesse sentido, ao pensar nas questões escolares, Street (1984) denominará modelo autônomo de letramento para aquele praticado nas escolas, o qual acaba se revelando um padrão reducionista, concebendo a escrita um produto completo em si mesmo, desvinculada de um contexto.

Na mesma linha, Kleiman (1995, p. 22) endossa:

[...] o processo de interpretação estaria determinado pelo funcionamento lógico interno ao texto escrito, não dependendo das (nem refletindo, portanto) reformulações estratégicas que caracterizam a oralidade.

Seguindo ainda o raciocínio de Zapone e Yamakawa (2013, p.186), o modelo de letramento autônomo concebe a escrita como um produto completo em si e, dessa forma, independente dos contextos de produção e recepção. Os autores continuam dizendo que essa concepção torna a escrita como sendo invariável, fazendo da leitura um processo de decodificação do texto obedecendo à lógica interna imanente ao texto, ou seja, todas as respostas e leituras possíveis estão no texto.

Essa concepção de modelo de letramento autônomo coaduna com o que propunha a vertente francesa do Estruturalismo, que segundo Zilberman (2015, p.17 -18) é “a afirmação absoluta do texto que se sobrepõe ao sujeito por contar com uma estrutura autossuficiente cujo sentido advém tão somente de sua organização interna”. Nesse ponto, evidenciamos a primeira relação de oposição entre o que propunha o Estruturalismo (e o letramento autônomo) e a teoria da Estética da Recepção, conforme verificamos nas palavras de Zilberman (2015, p.17-18):

Como nos casos anteriores, a referência de Jauss não é direta; nem mostra-se radical, pois ele conserva, principalmente nessa apresentação inaugural da Estética da Recepção, várias dívidas para com o Estruturalismo, sobretudo a ala representada pelo Círculo Linguístico de Praga e o Formalismo russo. O que não se verifica, contudo, é qualquer afinidade com a vertente francesa do movimento, então em evidência, porque nessa exacerba-se o aspecto julgado inaceitável por Jauss: a afirmação absoluta do texto que se sobrepõe ao sujeito por contar com uma estrutura autossuficiente cujo sentido advém tão somente de sua organização interna.



Ao persistirmos na legitimação do letramento autônomo, estaremos retornando à concepção de letramento proposto por Ogbu (1990, p.23) que diz “Defino letramento como a capacidade de ler e escrever e calcular na forma ensinada e esperada na educação formal... [letramento portanto é] sinônimo de desempenho acadêmico”.

Na definição em tela, a postura reprodutivista parece imperar; reprodutivista porque à educação formal (escola), segundo a definição em análise, cabe ditar as regras e caminhos que sua clientela deve trilhar, e ao aluno incumbe apenas a tarefa de reproduzir (imitação) fielmente o que lhe é imposto, do contrário será deixado à margem. Além disso, o caráter excludente da existência da crença em um único letramento (letramento autônomo) também se mostra visível.

Apesar de a definição, ora esmiuçada, ter sido dada há um tempo razoável, percebemos, porém, que a mesma é bastante atual e presente nas nossas práticas em sala de aula. Basta pensarmos, por exemplo, a utilização exacerbada dos termos certo e errado, quando o assunto, por exemplo, é o estudo da língua. O aluno nos diz: Nós vai, professor(a)! Prontamente, respondemos: está errado, o certo é nós vamos. Mas, por que não explicamos que nós vamos é o adequado conforme a gramática? Ou que a norma culta, também dita padrão, é só mais uma das “n” formas de se comunicar? A resposta às perguntas está na crença da existência de um único, verdadeiro e correto letramento. O próprio termo língua padrão já revela um tom excludente, já que se a considerarmos como padrão, nós estaremos confirmando que as que não estão de acordo com ela estão fora do padrão, ou seja, estão erradas. Com isso, geramos outro problema: a marginalização. Quem quer usar um tênis, por exemplo, fora do padrão (um “pé” maior do que o outro, ou com um solado mais largo que seu par)? Provavelmente ninguém; até mesmo porque seria desconfortável. No entanto quem usar estará fadado a ser rotulado como o “fora do padrão”. Percebamos que todas essas questões nascem a partir da concepção que adotamos sobre letramento.

Não somos inimigos da existência de uma língua “padrão”; acreditamos que ela é sim de grande valia, todavia combatemos como ela é colocada ao aluno – normalmente “goela a baixo” sem que haja uma reflexão. Impomo-la como se não existissem as outras “línguas” dentro dela. Deveríamos, e neste ponto nos apoiamos no que diz Street (2007, p.472), falar do padrão como mais uma “variedade”.

Dentro do campo da linguística já se reconheceu claramente que existe uma grande variedade de formas de língua – dialetos, registros, crioulos, etc. – e que o padrão é, ele também, apenas mais uma “variedade” (STREET, 2007, p.472).



Ainda sobre a língua dita padrão, Street (2007, p. 472) nos diz que:

O modo como um padrão alcança esse status foi posteriormente enfatizado pela cunhagem da expressão língua dominante (Grillo, 1989), que deixa explícito que se trata de poder e de luta pela dominação, mais do que de um processo natural da emergência do “melhor” como padrão.

Diante do exposto, é perceptível o efeito nocivo que a adoção do letramento autônomo traz ao ensino da língua, e, por isso, cabem aqui algumas perguntas com a finalidade de identificar se esses efeitos também são extensivos ao ensino de literatura. Então, perguntamos: quais as implicações da adoção do letramento autônomo para o ensino de literatura? Em que medida a teoria da Estética da Recepção pode contribuir no ensino de literatura?

## **2. As contribuições teóricas da Estética da Recepção e do Letramento Literário o ensino de Literatura**

Para iniciarmos as discussões acerca dos questionamentos levantados no final da seção anterior, transcrevemos abaixo o conceito de letramento literário na concepção de Zapone (2008, p.31):

Práticas que usam a escrita literária, pensada como um gênero de discurso que pressupõe a ficcionalidade como traço principal, é possível observar letramento literário em inúmeros outros espaços que não apenas a escola. Assim, constituem práticas de letramento literário a audiência de novelas, séries, filmes televisivos, o próprio cinema, em alguns casos a internet, a contação de histórias populares, de anedotas etc.

À luz da concepção da autora, fica evidente que os alunos participam sim de práticas literárias, mesmo antes de chegar à escola, porém, como já martelado, esta tem apagado e excluído do seu contexto as práticas literárias que já fazem parte da vida deles. Os resultados dessa exclusão e apagamento, segundo Zapone e Yamakawa (2013), são o desconforto e a resistência às práticas letradas institucionalizadas. Dessa forma, Ibid, p. 190, “os estudantes não fazem relação alguma com as atividades propostas pela escola e as atividades por eles realizadas fora da escola”.

Outra implicação destacável no que se refere à prática de letramento autônomo institucionalizada em nossas escolas é que a leitura feita pelo aluno tem sido engessada pela premissa de que existe apenas uma interpretação autorizada para o texto, e esse engessamento é oriundo da concepção autônoma em que “os textos eleitos pela escola como dignos de serem lidos deveriam ter o mesmo significado para todos os leitores” (Ibid, p.189).



O exposto no excerto acima é fortemente combatido pelos fundamentos teóricos da Estética da Recepção, conforme constatamos na fala de Zilberman (2015, p. 18) “a Estética da Recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda de foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor [...]”. Com isso, podemos concluir que a teoria da Estética da Recepção possui grande resistência ao letramento autônomo na medida em que a mesma não tem o texto como uma estrutura autônoma e autômato.

Em outra passagem, desta vez nas palavras de Silva e Silveira (2013, p. 95) que citam Campos (2003, p.18), o leitor é revelado dentro da teoria da Recepção em um lugar de destaque, à medida que lhe incumbe a tarefa de atribuir sentido ao texto:

Segundo a teoria da estética da recepção, o texto literário tem função diversa da exercida pela linguagem verbal ao longo das rotinas cotidianas. A linguagem literária não se contenta em fotografar os objetos, mas busca revelar o mundo em suas relações. Ela adquire sua inteira dimensão quando o leitor lhe atribui sentido e a percebe enquanto objeto estético e não mais como mero artefato.

O destaque que é dado ao leitor dentro da teoria da Estética da Recepção nos faz mensurar a estreita relação, e desta vez não de oposição, que há com o que concebe Zapone (2008) sobre letramento literário. Em ambas as teorias, é razoável que haja a aceitabilidade das diversas “leituras” possíveis feitas pelos alunos-leitores, que por sua vez são influenciadas (refiro-me às diversas leituras) pelos conhecimentos prévios e práticas de letramento vivenciadas e praticadas no seio familiar e comunitário. Ademais, cabe destacar que essas leituras é que fazem, segundo Zilberman (2015, p.49 - 50), as obras literárias serem atuais:

A possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva [...]Jauss altera o foco a partir do qual se analisam os fenômenos literários; mas, ao mesmo tempo, vê-se perante um conceito de leitor que arrisca defini-lo enquanto subjetividade variável, dependente de suas **experiências pessoais**. (Grifos dos autores)

Reconhecer as experiências pessoais, e, por conseguinte, as práticas de letramento do aluno, evidenciam que o texto não é um produto pronto e acabado, ao contrário, existem muitas outras possibilidades de se fazer uma nova interpretação do mesmo texto.

Essa capacidade da obra de permanecer sempre aberta dar ao leitor condições para que ele, ao entrar em contato com o texto, demonstre suas próprias impressões e utilize seu saber prévio para determinar a maneira como esse texto pode ser recepcionado, além do que, a recepção que o leitor terá da obra dificilmente será igual para outros leitores, pois como suas histórias de vida não são iguais, e seus saberes prévios também são diferentes, a recepção deverá



ser diferente para cada leitor. Essa característica do texto (de estar sempre aberto a novas interpretações) é demonstrada por Jaus (1994, p.56) na passagem seguinte:

Contudo, a obra literária pode também – e, na história da literatura, tal possibilidade caracteriza a nossa modernidade mais recente – inverter a relação entre pergunta e resposta e, através da arte, confronta o leitor com uma realidade nova, “opaca”, a qual não mais se deixa compreender a partir de um horizonte de expectativa predeterminado.

Diante disso, as principais contribuições teóricas da Estética da Recepção e do Letramento Literário, na concepção aqui defendida, para o ensino de Literatura são o protagonismo que a mesma confere ao leitor/aluno. Além disso, fica nítida a necessidade de se respeitar e aproveitar a “bagagem” que o discente possui.

### Algumas considerações

À guisa das discussões levantadas, concluímos que a educação formal (a escola) tem servido para massificar a ideia de que o letramento dominante (letramento autônomo), aquele institucionalizado por ela mesma, é o único, legítimo e correto letramento. Com tal postura, cria-se um ambiente de desprezo às práticas de leitura, em especial a literária, que os alunos já praticam antes mesmo de chegarem à escola. O resultado da supervalorização do letramento escolar em detrimento dos letramentos inatos à vida deles é refletido nos insucessos do ensino de literatura nas nossas escolas.

Diante dessa nefasta conclusão, percebemos que o letramento autônomo traz também ao ensino da literatura efeitos desastrosos; por outro lado, acreditamos que os fundamentos teóricos aqui apresentados, teoria da recepção e letramento literário, tornam-se um caminho viável para que de fato nossos alunos sejam envolvidos pelo “manto mágico” da leitura literária, e, a partir, desse envolvimento, eles possam se desprender das amarras que lhes são colocadas, e aí possam dar vida ao texto.

### Referências

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MOTERANI, Natália Gonçalves. **O modelo ideológico de letramento e a concepção de escrita como trabalho: um paralelo**. Acta Scientiarum. Language and Culture. 2013, vol. 35, n. 2, p. 135-141. Disponível em



<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/13520>. Acesso em: 29 de setembro de 2016.

SILVA, A. M. O. C. e SILVEIRA, M. I. M. *Letramento literário na escola: desafios e possibilidades na formação de leitores*. Revista Eletrônica de Educação de Alagoas. 2013, vol. 1, n.2, pp. 92 -101. Disponível em: [http://www.educacao.al.gov.br/reduc/edicoes/1a-edicao/artigos/reduc-1a-edicao/LETRAMENTO%20LITERARIO%20NA%20ESCOLA\\_Antonieta%20Silva\\_Maria%20Silveira.pdf](http://www.educacao.al.gov.br/reduc/edicoes/1a-edicao/artigos/reduc-1a-edicao/LETRAMENTO%20LITERARIO%20NA%20ESCOLA_Antonieta%20Silva_Maria%20Silveira.pdf). Acesso em: 29 de setembro de 2016.

SOARES, Magda. **Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento**. In: CARVALHO, Gilcinei Teodoro; MARINHO, Mariles (Orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Minas Gerais: UFMG, 2010.

STREET, B. (200). **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. Tradução Marcos Bagno. *Linguística e Filologia Portuguesa*, n. 8, p. 465-488. 2007.

ZAPPONE, M. H. Y. **Fanfics: uma caso de letramento literário na cibercultura?**. Letras de Hoje, v. 43, p. 29-33, 2008.

ZAPPONE, M. H. Y e YAMAKAWA, I. A. *Letramento dominante x vernacular e suas implicações para o ensino da literatura*. Muitas Vozes. 2013, vol. 2, n.2, pp. 185 – 198. Disponível em: [www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/download/6126/pdf\\_141](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/download/6126/pdf_141). Acesso em: 29 de setembro de 2016.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. 3. ed. – Porto Alegre: Editora UniRitter, 2015.